

O Pharol

Nº 13 Ano 6
Outubro de 2010
Quadrimestral
Director: Fernando Barão
Distribuição Gratuita

A PRAÇA DE TOUROS DE CACILHAS

por: *Luis Bayó Veiga*

Página 3

ALMADA NO ADVENTO DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

por: *Alexandre Flores e António Policarpo*

Páginas 4 e 5



EDITORIAL

No ano em que se comemora o centenário da implantação da República Portuguesa seria uma negação (ia para escrever indignação) fazermos esquecer este tema que tanta influência teve no nosso país.

Mas voltemos ao seu montante político...

Toda a evolução histórica no mundo se deve à chamada Revolução Francesa.

Naquele ano de 1789, após a “Tomada da Bastilha”, o poder real francês, que sempre tinha marcado um paradigma de dignidade sumptuosa, feneceu.

E feneceu com sangue... Muito atropelo se cometeu ou foi necessário cometer. Não quero ir por aí neste editorial.

Mas então, em quase todo o globo terrestre houve inquietude social. É claro que, mesmo em França, a Revolução não foi rectilínea e houve cimos, planícies e vales...

Todavia, em Portugal, lendo-se atentamente uma história isenta, chega-se à conclusão que esse tal paradigma também teve um significativo registo. Há quem conclui que, a República no nosso país, não foi iniciada a 5 de Outubro de 1910 mas antes, após a revolução

de 1820, que deu origem à Constituição de 1822 em que, o poder real, confinava-se a uma configuração representativa e os governos e as cortes, é que eram os legítimos representantes da Nação. Do povo direi eu... É claro que muita gente não teria aceitado isto de mão beijada e por isso houve tentativas de rebelião e chegou-se mesmo a implantar uma monarquia absolutista (D. Miguel e a sua mãe Carlota Joaquina, espanhola acérrima descrente do liberalismo).

Mas fiquemos por aqui e voltemos a 5 de Outubro de 1910 que também teve uma República sinuosa e sangrenta, em que o Ultimato Britânico (uma das questões que lhe deu origem) foi a gota de água que fez transbordar o copo...

Temos a convicção que a nossa República teve, nos seus precursores, gente carregada de boas intenções e integralmente muito culta. Mas não nos devemos esquecer que 80% da nossa população era analfabeta, que havia uma grande mistura de grupos radicais que faziam cair os governos dia sim, dia não, com todas as suas consequências.

O desenvolvimento sobre a instrução, o apoio social, as relações internacionais, o enfrentamento ao clero (que já vinha de trás), os problemas sobre a saúde pública

e muito mais coisas que não cabe aqui escarpelizar, foram “as chaves mestras” que deram origem ao golpe de 1926.

A maioria recebeu de braços abertos um ditador de Santa Comba Dão, professor universitário na Universidade de Coimbra, que com o sacrifício popular restaurou as contas públicas com punhos de ferro... E quando se verificou que parte dos nossos anseios estavam resolvidos é que se teve uma consciência colectiva que o simplório beirão continuava a ser um professor provinciano, que usava todo o ano botas e que, com ideias extravagantes e duras insistia em não seguir o rumo das novas investidas políticas universais e acolitado por uns “sabujos” que o rodeavam, como melgas que só sabiam dizer “ámen”, pensou que Portugal podia viver separado das outras nações e intencionalmente só.

Já era tarde demais quando caiu da cadeira. Os ultras do poder não deram tréguas ao seu continuador que, não pôde resistir a alguns anseios democráticos, até que, em 25 Abril de 1974 se deu origem a uma nova República que sempre facilitou a abertura de portas aos galifões internacionais, que, quando descobriram mão-de-obra mais barata que a nossa, fecharam bruscamente os portões das fábricas e passaram-se sem “dar de beber à dor”...

Estamos novamente encravados mas a nossa força (onde é que ela está?) fará ressurgir este rectângulo à beira mar plantado que apesar de pequenino, é altamente diversificado (em todos os aspectos) e de uma beleza sem igual.

Viva a República!
Viva Portugal!

Fernando Barão

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: O Farol - Associação de Cidadania de Cacilhas.

Sede Provisória: Rua Liberato Teles, 6-A Cacilhas - 2800-298 ALMADA. NIF: 506 510 468

Director: Fernando Barão

Director-Adjunto: Luís Filipe Bayó Veiga

Redacção: Henrique Mota

Fotografias: José Fernando Vasco, Luís Filipe Bayó Veiga e Modesto Viegas.

Capa: Composição de Modesto Viegas sobre dois postais do início do séc. XX.

Impressão: Batista & Vieira, Lda.

Colaboração: Alexandre Flores, António Policarpo e Luís Filipe Bayó Veiga.

Tiragem: 500 exemplares. - Distribuição Gratuita

Apoio: Câmara Municipal de Almada

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores, podendo ou não, corresponder à deontologia da direcção do boletim.

Bilhete Postal

Por: Luís Filipe Bayó Veiga

A PRAÇA DE TOUROS DE CACILHAS

UMA CORRIDA DE TOUROS - SORTE DE CAVALHEIRO



PROP. DA TABAQUARIA COSTA, 888 RUA DO OUREU

Desde tempos imemoriais, que as festas populares que incluíam a participação de touros, eram uma das diversões mais apreciadas pela generalidade da população portuguesa.

Ocorriam aquando da celebração de efemérides, acontecimentos importantes ou festejos ocasionais, sendo os animais largados para o toureio, preferencialmente em terreiros amplos ou nas praças públicas que quase sempre existiam nas localidades onde decorriam as festas.

Estes espaços, eram para o efeito, cercados por gradeamentos de madeira de modo a protegerem das investidas dos animais, os milhares de alegres convivas que ali ocorriam, servindo ainda de protecção aos pretendentes a toureiros, que não sendo mais que incautos aventureiros, ao participarem nas lides, tinham muitas vezes de correr a “sete pés” á frente da fera atçada e enfurecida, para a barreira protectora, procurando evitar as cornadas do bicho, ou serem lançados pelo ar em curiosas piruetas, para gáudio de todos os que a tal assistiam...

Por mercê Real, habitualmente estes espectáculos eram de acesso gratuito a toda a população que a eles assistia.

Ainda nos dias de hoje, se podem observar semelhanças com aquele tipo de espectáculos taurinos de então, conhecidos pelas “largadas de touros” que acontecem por altura das tradicionais festas locais, ou pelos santos populares, pelas ruas devidamente preparadas, protegidas e engalanadas de algumas das típicas localidades ribeirinhas do Tejo, como sejam Alcochete, Montijo, Vila Franca de Xira, Azambuja, Alpiarça e Chamusca, entre outras.

Talvez o leitor não saiba, mas só há pouco mais de 250 anos, é que as festas de corridas de touros que até então decorriam em espaços ocasionais, passaram a ser feitas em recintos fechados concebidos para tal fim, e que se chamaram de Praças de Touros.

Eram construídas em estrutura de madeira com a configuração em forma de redondel, idênticas às que hoje existem e conhecemos.

Foi em Lisboa, capital do reino, no sítio da Junqueira, que em 8 de Junho de 1738 se inaugurou, com pompa e circunstância, a primeira Praça de Touros.

Naquele dia, com o recinto completamente esgotado, contando com a presença Real, da nobreza e do povo em geral, actuaram como cavaleiros, mestres na arte de toureio a cavalo, o Duque do Cadaval, o Marquês de Távora, o Marquês de Alegrete e Manuel Sampaio e Mello.

Destruída totalmente com o terramoto de 1755, só em 1763, surgiu em Lisboa uma nova praça de touros, erigida nos terrenos onde hoje se localiza o Jardim da Estrela.

Em 1790, surge a Praça de Touros do Salitre, situada mais ou menos a meio, por onde hoje passa a Avenida da Liberdade.

Esta Praça apresentava-se já com dimensões apreciáveis acompanhando o modelo de arquitectura (embora mais reduzido), da emblemática praça madrilena da Calle de Alcalá.

Foi na Praça do Salitre, que ao longo de mais de 4 décadas, sucederam inescrutáveis espectáculos tauromáquicos, (que então se chamavam de “corridas de toiros”), que esgotavam a sua lota-

ção, mercê da actuação de seleccionados “artistas” na arte do toureio a cavalo e a pé, (alguns deles com fama adquirida em praças espanholas) cujos nomes sonantes, eram anunciados em apelativos cartazes da corrida, espalhados por toda a cidade.

A Praça do Salitre, recordada para sempre, nos livros de memórias escritas por autores da época, fechou portas em 1830, tendo as suas instalações anos mais tarde, sido adaptadas para um circo, o Circo Price, demolido quando desapareceu o Passeio Público em 1886.

Em sua substituição, e logo um ano após, o povo lisboeta teve uma nova Praça de Touros, desta feita localizada no Campo de Santana, também esta toda construída em madeira.

Foi inaugurada em 3 de Julho de 1831 pelo então rei D. Miguel, grande aficionado da Festa Brava e a quem o povo chamava de “rei-toureiro”, o qual para o espectáculo de inauguração, ofereceu para a corrida, 16 touros provenientes das suas ganadarias.

A Praça de Santana esteve em funcionamento durante mais de meio século, vindo a encerrar por ameaçar ruína, em Dezembro de 1887.

Finalmente e em substituição daquela, 4 anos depois, era inaugurada em 18 de Agosto de 1892, a Praça de Touros do Campo Pequeno, que ainda hoje subsiste, sendo considerada a rainha das praças de touros portuguesas.

Estes espectáculos traduziam-se em negócios de elevada rentabilidade para quem neles investia, pelo que os empresários ligados aos eventos tauromáquicos foram fazendo novos investimentos, construindo novas Praças, o que conduziu ao aumento da oferta de espectáculos de corridas de touros sobretudo nas zonas limítrofes da capital.

E é assim, que na Outra Banda, surge em Almada, em 1843, no sítio do Campo de S. Paulo, uma Praça de Touros, cujas bancadas e camarotes de madeira (com capacidade para 5000 espectadores), assentavam numa estrutura oitavada circundante de alvenaria.

Naquele Praça, as corridas mais importantes do ano, aconteciam por altura das festas de S. João Baptista, padroeiro da cidade, atraindo milhares de forasteiros à Vila de Almada.

Em 1904, sofreu um incêndio, tendo ardido toda a estrutura em madeira.

Ano e meio mais tarde, foi reconstruída.

Continua na página 7

ALMADA NO ADVENTO DA IN

O Partido Republicano, fundado em 1876, foi ganhando cada vez maior prestígio, sobretudo entre os intelectuais, a pequena burguesia urbana e o operariado. Este Partido soubera, de facto, aproveitar o descontentamento provocado pela difícil situação económica do país e pelo descrédito em que se encontravam os partidos do rotativismo monárquico, nos finais do século XIX.

A descrença no regime monárquico português acentua-se com o Ultimatum inglês, em 1890, em que o Governo e o Rei cediam às exigências britânicas. No rescaldo deste choque provocado pelo Ultimatum, dá-se a primeira tentativa de implantação da República em Portugal: a revolta de 31 de Janeiro de 1891. Esta «revolução do Porto», embora malograda, pesou na consciência do desgaste a que tinham chegado as velhas instituições.

Nas vésperas da implantação da República efectuam-se comícios na Cova da Piedade, onde são proferidos discursos por figuras gradas do Partido Republicano na Cova da Piedade: Magalhães Lima, Afonso Costa, António José de Almeida, Brito Camacho e outros, que não poupam elogios ao comportamento dos operários corticeiros do concelho. Em 1906, Magalhães Lima chega a presidir a sessão da inauguração do «Centro Eleitoral Democrático Elias Garcia» no Teatro Garrett, na Cova da Piedade, liderada por Artur Ferreira de Paiva, comerciante no Caramujo, fundador da SFUAP, republicano e maçom (iniciado em 1898 no Triângulo n.º 6 de Almada, com o nome simbólico de «Danton»); e secretariada por Polónio Febrero Júnior, empregado de escritório, republicano, e José Soares Pinho, industrial, republicano, maçom (iniciado em 1898 no Triângulo n.º 6 de Almada, com o nome simbólico de «Carnot»; então presidente da assembleia-geral da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas). Em 1907, é inaugurado o Centro Republicano Capitão Leitão, em Almada, com sessão solene presidida por Pedro de Melo, que participou no 31 de Janeiro de 1891. Dos principais membros deste centro destacavam-se os republicanos José Justino Lopes (comerciante em Lisboa, maçom da Loja Liberdade n.º 197, de Lisboa), António Branquinho, Firmino da Silva, Manuel Parada, Raimundo José Moreira e outros.

Com a estruturação do partido republicano no concelho de Almada, constituída depois pela Comissão Municipal Republicana e pelas comissões paroquiais de

S. Tiago e Caparica, estavam criadas as condições para o crescimento da militância republicana, do activismo dos valores ideológicos e políticos da República. A nível municipal, o trabalho de propaganda de organização política e social passava naturalmente pela acção dos referidos centros. Funcionavam como núcleos de discussão, onde se disponibilizavam os jornais republicanos, onde se organizavam passeios, sessões, comícios de propaganda, festas de angariação de fundos. E, ainda, como centros escolares onde se ministravam o ensino das primeiras letras, aos sócios e seus filhos que não sabiam ler e escrever. Na vila de Almada e seus arredores, os centros eram importantes meios na propagação dos princípios doutrinários e na preparação dos cidadãos para a votação nas campanhas eleitorais de 1908 e 1910. Alguns dos membros republicanos fazem oposição às vereações monárquicas, através da crítica e contestação, sobretudo da imprensa local, com destaque para o jornal *Correio do Sul*.

O rei D. Manuel procura moderar a situação do país, desde o Regicídio, pela chamada «aclamação», mas no seu breve reinado vê-se na contingência de nomear sete novos governos. As últimas eleições monárquicas, realizadas a 28 de Agosto de 1910, para a Câmara dos Deputados, dão a maioria ao Partido Regenerador, mas os republicanos ganham nos círculos de Lisboa e Porto. É enorme o entusiasmo gerado em Almada pelo acto eleitoral e pela vitória alcançada pela lista republicana.

Todavia, a conspiração militar e civil para o derrube do regime monárquico era irreversível. No dia 2 de Outubro, o vice-almirante Cândido dos Reis reúne-se com oficiais republicanos, com a Alta Venda Carbonária e com o Directório do Partido Republicano Português, marcando os primeiros passos da Revolução para a noite seguinte.

Numa reunião ocorrida na Rua da Esperança, no dia 3, surgem hesitações, mas Cândido dos Reis declara que a Marinha prosseguiria o movimento revolucionário. Apesar das contrariedades entre os conspiradores, os líderes republicanos, como Afonso Costa, António José de Almeida, João Chagas, Pires de Carvalho, Malva do Vale, (que trouxe as primeiras notícias para a vila de Almada), e Alfredo Leal, decidem avançar. Além da Marinha e do Exército, o movimento vai contar com alguns dirigentes civis e depois com a adesão de grande número de populares armados.



Paços do Concelho, início do séc. XX. Fonte: Col. A. Flores.

Marcada a revolução para a uma da manhã, os alvos são o Quartel-General no Largo do Carmo e o Palácio das Necessidades. Fora de Lisboa, ocorrem episódios de revolta, na noite de 3 para 4 de Outubro de 1910, em concelhos, como Almada, Setúbal, Loures, Moita, Barreiro, Montijo e Seixal.

Em Lisboa, os republicanos fixam-se na Rotunda, onde organizam a defesa. São atacados pela Guarda Municipal, mas repelem o ataque. O Quartel da Marinha, bem como os navios «Adamastor» e «S. Rafael» são tomados. Sabe-se do suicídio de Cândido dos Reis o que desanima alguns republicanos. Mas, Machado dos Santos e a Carbonária decidem continuar. Aumenta a adesão popular e constroem-se barricadas. Ao fim da manhã as forças leais ao Rei, comandadas por Paiva Couceiro, atacam a Rotunda quer pelo Rossio quer pelo lado da Penitenciária, mas sem grande sucesso. Os navios «Adamastor» e «S. Rafael» bombardeiam as Necessidades, chegando a destruir com um tiro o Pavilhão Real. A família real foge para Mafra.

Os acontecimentos vividos em Lisboa, e, em particular, o som das detonações, na madrugada de 3 para 4 de Outubro, põem em alvoroço as populações de Almada e seus arredores. O povo da vila sobe aos lugares mais elevados para acompanhar os factos que darão origem a uma viragem do regime.

Manuel Parada, republicano almaden-

IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

se, então correspondente de vários jornais da capital, como O Mundo, acompanhou pessoalmente o movimento. Em contacto telefónico com a redacção deste jornal republicano, fazia as seguintes reportagens acerca da proclamação da República em Almada:

«Almada 4, às 9.15 – Desde a madrugada ouvi-se aqui numerosas detonações, que põem em alvoroço a população do concelho. Grande número de pessoas afluí aos pontos altos da vila. Em Cacilhas estiveram o deputado Feio Terenas, Dr. Leão Azedo e sua esposa, que acabavam de chegar, em automóvel, de Setúbal. Às seis e meia da manhã, vários populares, vindos de Lisboa, trouxeram a notícia do movimento, proclamando-se a República. Os operários das fábricas abandonaram logo o trabalho.

O povo percorreu as ruas com bandeiras dos centros republicanos, que depois foram hasteadas nos paços do concelho e na administração, sendo içada no forte outra bandeira republicana. Acompanhavam a multidão as filarmónicas daqui, entoando a Marselhesa e a Portuguesa. São tomadas as chaves da Câmara e Administração. Foi nomeada a Junta Revolucionária que, na sua primeira reunião, tomou várias resoluções com assentimento geral do povo.

A guarnição do grupo de artilharia n.º 4, do forte da Raposeira, ao que parece, declarou-se neutra. Outrotanto fez o destacamento da guarda fiscal. É indiscutível o entusiasmo popular» (O Mundo, de 5 de Outubro de 1910).

«Almada, 5 – Durante a noite passada o povo estacionou nos pontos marginais deste concelho, seguindo com extraordinário interesse as manobras navais. Logo que a aurora despontou e os navios de guerra, que não aderiram de princípio ao movimento, arvoraram a bandeira republicana, acentuou-se o entusiasmo da multidão. Uma força de doze marinheiros, sob o comando de um sargento, desembarcou de manhã em Cacilhas, convidando a força da guarda fiscal, ali aquartelada, a render-se, o que ela fez, abandonando, acto contínuo, o quartel, e içando-se a bandeira republicana. O povo aplaudiu entusiasticamente a marinha de guerra portuguesa, ao mesmo tempo que numerosos populares se dirigiam para bordo dos navios de guerra levando mantimentos. No matadouro foram abatidas duas rezas para esse fim. Do incêndio, a que «O Mundo» se referiu, em Vale do Rosal, salvaram-se vários animais. A Junta Revolucionária voltou a reunir-se

nos paços do concelho, lançando-se na acta votos de regozijo e de saudação ao governo provisório.

Os editais emanados do governo civil de Lisboa, foram afixados aqui e acatados pelo povo. Os presos estão em liberdade. À noite iluminaram os paços do concelho, a sede da Academia Almadense, etc. Esta banda passeou as ruas de Almada e Cacilhas tocando a Portuguesa, acompanhada de muitos populares. No Centro Capitão Leitão houve reunião, à noite, falando diversos oradores, que aclamaram a República, aconselhando ordem e prudência. A filarmónica referida abrilhantou esta sessão. A vigilância dos edifícios públicos e à estação telefónica continua.

um sargento, e muitos populares armados, que se dirigiam pela Cova da Piedade a caminho de Vale Rosal. Constava que iam prender os padres que ali estavam refugiados. Voltaram às cinco e meia da tarde, trazendo uma junta de bois, dois suínos e uma muar que encontraram na Charneca de Caparica, pertencentes aos padres. Os animais ficaram na abegoaria do município.

Às onze horas da noite chegou a Almada uma força de marinheiros, que foi alojar-se no forte. A banda da Sociedade União Piedense percorreu hoje, à noite, as ruas, tocando a Marselhesa, acompanhada de muito povo» (O Mundo, de 7 de Outubro de 1910).



- «*Republicanos Almadenses – que intervieram nos acontecimentos de 4 de Outubro de 1910. Reconhecendo-se a 3ª pessoa de pé, o maçom José Justino Lopes*». Fonte: Alexandre M. Flores – *Almada Antiga e Moderna: roteiro iconográfico*, 1985. vol. I, p.58.

Não é verdade que, aos primeiros sinais da revolução, os marinheiros terem dado entrada no forte de Almada. Apenas ali entrou o povo, hasteando a bandeira o dedicado e solícito correspondente de O Mundo. (O Mundo, de 6 de Outubro de 1910).

«Almada, 6 – Às 10 horas da manhã tomou posse do lugar de administrador interino de Almada, o sr. Arthur Paiva, presidente da Comissão Municipal Republicana. Esteve aqui no acto de posse o deputado Feio Terenas, acompanhado de seu filho e outros correligionários. Fez um brilhante discurso, sendo entusiasticamente aclamado. Dirigiu-se em seguida para Setúbal. Cerca das nove horas da manhã, desembarcava em Cacilhas uma força de marinheiros, sob o comando de

Em Almada, os republicanos reúnem-se no Centro Capitão Leitão, a 9 de Outubro, para elegerem as comissões paroquiais e municipal que assumem provisoriamente a gerência dos «negócios do concelho». A Comissão Municipal Republicana, constituída a 12 de Outubro, era presidida por Galileu da Saúde Correia.

O republicanismo triunfara em Portugal. Almada, um dos primeiros municípios que na véspera de 5 de Outubro proclamaram a República, fora um exemplo na viragem da História.

Alexandre M. Flores
António Policarpo

(extractos da obra: *A Implantação da República em Almada, no prelo*)

A ROTUNDA E A REVOLUÇÃO DE 5 DE OUTUBRO 1910



A Rotunda, (hoje conhecida pela Praça Marquês de Pombal), ficou para sempre ligada à revolução de 5 de Outubro de 1910, como local mítico para o sucesso da causa republicana e ponto nevrálgico de resistência dos revoltosos às tropas monárquicas até à vitória final!

O Farol, acompanhando através do seu boletim, as comemorações do Centenário da instauração de República, apresenta um conjunto de imagens na forma de postais fotográficos ilustrados, que retratam diversas fases da resistência das tropas revoltosas que conjuntamente com populares se instalaram na Rotunda, montando barricadas para resistir ao eventual avanço das tropas monárquicas que estavam instaladas no Rossio.

Tendo-se iniciado a revolução no dia 4 de Outubro, na margem sul do Tejo, principalmente em Almada e Cacilhas, com a intervenção de tropas sublevadas ao regime monárquico e a aderência desde o primeiro momento da população e entidades públicas locais de então, foi no entanto com os bombardeamentos a partir dos cruzadores Adamastor e São Rafael, ancorados no Tejo, para alvos estratégicos da capital iniciados no início da madrugada do dia 5, que a revolução tomou maior visibilidade e mais alento perante a população em geral que aguardava com expectativa o evoluir dos acontecimentos.

Por volta das 5h da madrugada, encontravam-se na Rotunda cerca de 200 militares comandados por Machado dos Santos, Comissário Naval (segundo-tenente), que exerceu um importante papel de coordenação operacional do movimento revolucionário, mantendo-se firme e irredutível, mesmo face a notícias contraditórias que davam a revolução como detida pelas forças do Rei...

Ao longo do dia foram-se juntando largas dezenas de populares entre civis e carbonários, a quem eram distribuídas algumas armas e que desde logo montaram barricadas feitas de tudo o que se podia arranjar sendo portanto de construção tosca, improvisada e incapazes de resistir a um

ataque a sério das forças monárquicas.

O reduto revolucionário dispunha apenas de oito peças para sustentar a sua defesa pesada.

Resistindo por um lado, aos bombardeamentos das tropas reais comandadas por Paiva Couceiro que se encontravam instaladas no Torel, e contando por outro, com a intervenção mais abrangente por parte da marinha, passou a ser sentimento geral a partir do alvorecer do dia 5, que a República podia ser dada como certa em Portugal...

Às oito e trinta da manhã de dia 5, Machado Santos desceu pela Avenida a caminho do quartel-general monárquico instalado no Palácio do Almada, no Largo de S. Domingos obtendo como último acto do regime real, a rendição das suas tropas.

E se Machado dos Santos, ficou na História conhecido pelo "Herói da Rotunda", é justo aqui referenciar que entre os populares revoltosos que ali estiveram desde a primeira hora, atrás das barricadas também se destacou entre os demais, Amélia Santos, uma figura popular e conhecida de Lisboa, a qual pela sua verticalidade, postura e espírito de liderança, desde logo recebeu o respeito e o apoio dos demais revoltosos, tornando-se para História como a "Heroína da Rotunda" naquela 4ª feira, 5 de Outubro de 1910...



A PRAÇA DE TOUROS DE CACILHAS

Continuação da página 3

ida, mas nunca mais atingiu o esplendor festivo da Festa Brava que tinha tido na última metade de Oitocentos. Foi desactivada e mais tarde demolida por meados dos anos 30 de 1900.

Ainda na Outra Banda, e em coexistência com a Praça de Touros de Almada, é inaugurada no ano de 1909, em Cacilhas uma nova Praça de Touros, sobre a qual nos iremos debruçar um pouco mais, fazendo assim jus ao título do presente artigo.

Tratava-se de uma Praça feita segundo o projecto da “Empresa Baptista & Lacerda”, sendo seu proprietário e empresário, Luís Lacerda.

A sua estrutura de madeira, de construção sólida e segura, assentava sobre fundações em pedra, sendo os paramentos e a fachada principal feitos em alvenaria,

De notável aparência exterior e também interior, a Praça de Touros de Cacilhas, localizava-se nos terrenos da antiga Quinta do Juiz, local que mais tarde se veio a denominar Vila Brandão.

Poderia comportar uma lotação próxima das 6.000 pessoas.

O principal acesso à Praça fazia-se através do Largo de Cacilhas, e após se percorrer a rua Direita (actual rua Cândido dos Reis), chegava-se ao Largo dos Bombeiros e continuando pela rua da Oliveira (actual rua Comd.te António Feio), algumas dezenas de metros adiante, cortava-se à esquerda pela estreita azinhaga da Margueira, (que hoje corresponde à rua Liberato Teles onde se situa a Junta de Freguesia de Cacilhas) e logo em frente se deparava em gaveto, a fachada principal da grandiosa Praça de Touros de Cacilhas.

Passaram assim os residentes da então Vila de Almada, (que incluía Cacilhas), a ter ao seu dispor e em complemento da Praça de Touros de Almada, uma nova Praça em Cacilhas, que por estar mais perto do cais de Cacilhas, rapidamente se tornou local de romaria dos lisboetas, motivo de atracção e folgedos, o que então só acontecia na capital, quando haviam corridas na Praça do Campo Pequeno.

Cacilhas pela sua proximidade à capital, era nos meses de Verão, a alternativa desejada pelos amantes da Festa Brava que ali iam assistir às corridas e não só, pois Cacilhas era também procurada pelos lisboetas que a ela chegavam atravessando o rio em botes, catraios e também nos vapôres, na demanda de outros motivos de diversão e lazer, como as típicas burricadas pelas ruas locais ou até às terras altas de Almada, as agradáveis pa-

tuscadas, e excursões domingueiras para os lados das quintas da Cova da Piedade, Alfeite e Caparica, onde era obrigatória a paragem nos retiros, para os come e bebes e ouvir os cantores e cantadeiras do fado vadio ou boémio, que por aqueles caminhos então proliferavam.

A corrida inaugural teve lugar numa Quinta-feira, 20 de Maio de 1909, em tarde de sol, segundo rezam as crónicas.

Com a lotação totalmente esgotada, viam-se nas bancadas o povo misturado entre residentes locais e forasteiros, enquanto nos camarotes se observavam famílias que pelo seu traje e porte, se identificavam com a burguesia existente na época, coexistindo aqui e ali, com oficiais e cadetes da Escola do Exército e outros que tais.

Naquele dia, segundo os registos, o cartaz era composto pelos cavaleiros Eduardo Macedo, Morgado de Covas e D. José de Mascarenhas e pelos bandarilheiros Jorge Cadete, Theodoro Gonçalves, Torres Branco, José Moyano (pai), Manoel dos Santos, Luciano Moreira e Alfredo dos Santos, este saltador à vara sobre os touros, arte então muito popular à época...

Do grupo de forcados contratados para o evento, faziam parte entre outros, o José Ruço, Manuel Fressura (cabo), Florêncio Calate e o Chico Marujo.

Os toiros lidados, eram da ganadaria de António Luís Lopes (pai), e ao que consta pelo seu porte e galhardia, apresentaram-se à altura da solenidade do evento inaugural.

A corrida foi dirigida por Jayme Henriques e abrilhantada pelas bandas filarmónicas da Incrível Almadense e Academia Almadense.

Segundo a imprensa diária do dia seguinte, a crítica do espectáculo foi pródiga na sua aprovação.

Como curiosidade, referem-se os preços dos bilhetes no dia da inauguração, para alguns lugares sentados: À sombra, os lugares da barreira eram de 800 réis e a bancada geral de 600 réis, enquanto os lugares ao Sol custavam respectivamente 600 e 400 réis; Os camarotes (4 lugares) foram vendidos a 3.000 réis.

Cacilhas com a sua Praça de Touros, teve tardes de Festa Brava memoráveis e o comércio local, as casas de pasto, as tabernas e os retiros, disso beneficiaram pois não tinham mais espaço para acomodar tanta gente...

Mas espectáculo maior e emocionante, que atraía milhares de visitantes e curiosos, eram as “esperas de touros”, cujos animais se destinavam à Praça de Cacilhas e que se verificavam nas vésperas das corridas...

As “esperas de touros” realizavam-se pela então chamada estrada de Corroios e a elas ocorria imenso povo. Era então muito frequente, que os mais “valentes” procurassem desafiar os animais, quer para mostrarem a sua valentia, quer para “dar nas vistas”, sendo que no final da contenda, quase sempre vários deles acabassem por ir parar ao posto de enfermagem mais próximo ou até mesmo ao hospital com diversos traumatismos ou ferimentos mais graves que poderiam vir a ser fatais.

Pese embora as “esperas de touros” serem um espectáculo sempre emocionante para os que a ele assistiam e participavam, alguns anos decorridos tiveram as autoridades de vir a proibir a condução de touros à vara solta, em virtude das múltiplas reclamações pelos feridos que causavam, passando os mesmos a ser transportados em jaulas que desembarcavam das fragatas junto à doca do Parry & Son e só depois na madrugada do próprio dia da corrida, eram conduzidos para os curros da Praça.

Com o acabar das “esperas de touros”, milhares de forasteiros deixaram de afluir à Outra Banda nas vésperas das corridas, acabando assim com todo o colorido e gáudio daqueles eventos, conduzindo a que gradualmente viesse a diminuir todo o esplendor preparativo das touradas em Cacilhas no dia seguinte...

Acumulando sucessivos prejuízos, que a exploração da Praça de Touros causava, teve o proprietário Luís de Lacerda de optar pela sua demolição, o que veio a acontecer nos finais de 1915.

Em Cacilhas já não existem as Burricadas, a Praça de Touros e os Restaurantes do Ginjal, que atraíam milhares de visitantes à localidade. Os tempos mudaram e as suas Gentes também...

Dos tempos idos, esses, apenas se recordam, porque não voltam mais....

Nota final:

No artigo “As Burricadas” que publicámos no nosso Boletim anterior, a imagem do bilhete postal ilustrado então editada, embora fosse da época e retratasse de forma elucidativa todos os principais intervenientes de uma burricada, não corresponde propriamente à localidade de Cacilhas, lembrando-se que embora ficando famosas em Cacilhas, as burricadas eram naqueles anos, comuns em outras localidade do país.

O mesmo sucede com a imagem da Praça de Touros apresentada no presente artigo do nosso Boletim. Não corresponde à Praça de Touros de Cacilhas, porque não existe nenhum postal ilustrado que a retrate com pormenor, mas seguramente representa a arquitectura típica das praças de touros portuguesas no início do séc. XX, e portanto identificativa de como tal se mostrava aos seus frequentadores, a Praça de Touros de Cacilhas.

FALA O FAROL

O Farol – Associação de Cidadania de Cacilhas, apoiou esta confraternização e agradece o esforço desenvolvido na sua organização aos Margueirenses : Abílio, Alvaro e Lita.



Sábado dia 19 de Junho de 2010 realizou-se uma visita guiada a Cacilhas que teve como magnífico cicerone o Dr. Alexandre Magno Flores. Este evento foi um êxito partilhado com todos aqueles, que passearam connosco pelas velhas ruas de Cacilhas, em especial pelo Ginjal.

Durante todo o percurso viajámos também pelos caminhos da Memória e da História, tendo o nosso cicerone descrito os aspectos fundamentais e mais pitorescos da nossa Terra, com o brilhantismo que lhe é reconhecido.



Por iniciativa da SCALA, realizou-se em 10 de Setembro, na sala Pablo Neruda do Fórum Romeu Correia, a apresentação do livro “Henrique Mota, Atleta, Treinador, Dirigente e Escritor”, para além duma interessante exposição evocativa.

A mesa era composta por Luís Milheiro, presidente da SCALA, que apresentou a obra, Luís Nascimento, representante da C.M.A., Vitor Hugo Quintão, representante do Ginásio C. do Sul e Maria de Fátima Mota Branco, filha de Henrique Mota.



O consagrado pintor almadense Louro Artur inaugurou no dia 18 de Setembro na Casa da Cerca, o seu mais recente trabalho “Gárgulas Portuguesas Revisitadas”, desenvolvido a partir daquela temática do património.

Trata-se de mais um trabalho de elevada qualidade artística, ao serviço da cultura.



Mais uma vez e com uma organização de grande qualidade, o Agrupamento 510 de Escuteiros de Cacilhas promoveu “Tasquinhas e Burricadas”, que culminou na Rua Cândido dos Reis com uma entusiástica corrida de Burros.



Dia 2 de Outubro de 2010, com o apoio da SCALA e C.M.A., e editado pela Junta de Freguesia de Cacilhas, o escritor almadense Vítor Aparício lançou mais uma obra da sua autoria, desta feita, um livro dedicado a “Oliveira Feijão”.

Continua o autor a dar importantes contributos para a preservação da história e memória local, recordando assim este ilustre médico nascido na Margueira em Cacilhas, em 24 de Novembro de 1850.



Dia 4 de Outubro de 2010 o Dr. Alexandre Flores proferiu na Escola Secundária Cacilhas – Tejo, uma conferência sobre “A implantação da República em Almada”, com o brilhantismo a que já nos habituou. Tendo a senhora Directora da Escola, Dr.ª Margarida Fonseca encerrado a sessão.



Também a 4 de Outubro de 2010 foi prestada uma homenagem ao ilustre e saudoso Tribuno Republicano Elias Garcia, junto ao local onde nasceu em Cacilhas.

Os jovens Clara Lua e David Carvalho, da Associação Assim SER depuseram no busto uma coroa de flores, numa sentida e merecida homenagem.



No decurso da cerimónia, fizeram uso da palavra Carlos Leal, presidente da Junta de Freguesia de Cacilhas, Maria Natália Vicente presidente da ARPIFC, Henrique Mota presidente de “O Farol” e o jovem estudante Hugo Marques.



O Coro da ARPIFC brindou-nos com uma excelente actuação, encerrando a sessão com o Hino Nacional.

Pode ver mais informação em <http://opharol.blogspot.com> e <http://bcre-esct.blogspot.com/2010/10/as-comes-moracoes-do-centenario-da.html>